



Anti-episódio: sobre vagar e respiro

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

Masterização: Leobaldo Prado

Arquivos em pdf: Vitória Brasileira

Esse mês a gente vai ter um anti-episódio. Pois é.

Não tem texto previamente escrito como tem nas outras edições. Eu peguei o gravador para compartilhar algumas coisas com vocês.

O episódio ia sair semana passada e num misto de uma série de coisas acumuladas, com uma dúvida em relação a dois temas para eu abordar no episódio do mês, eu resolvi falar sobre esses momentos que a gente tem às vezes no decorrer da pesquisa em que a gente não sabe bem o que dizer.

E que às vezes a gente não tem oportunidade de pensar sobre isso, de realmente parar um pouco. Às vezes a gente pode até ter

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



a oportunidade, criar essa oportunidade, mas a gente não consegue porque fica muito presos e presas aos prazos, às entregas, se sentindo pressionadas e pressionados para terminar a tese, ou a dissertação, e aí terminar o capítulo, terminar um parágrafo, terminar uma frase, enfim, uma sucessão de finalizações com essa perspectiva da entrega como uma pressão.

E aí eu percebi que eu agora podia fazer isso: podia parar e não falar sobre nenhum tema desses dois que eu estava em dúvida e resolvi falar sobre a importância, até, de a gente perceber que a gente pode, e deve, a meu ver, criar esses respiros, esses espaços. Entendendo que eles, na verdade, podem contribuir para que a gente esteja mais inteira ao escrever, mais descansada, enfim.

Esses respiros podem criar circunstâncias, podem de fato contribuir para que o nosso trabalho seja feito de uma forma melhor, e que nos dê, inclusive, mais prazer e mais satisfação no processo de elaboração dele.



Eu acho que às vezes a gente se esquece disso na academia. Eu, pelo menos, me esqueci muito, mas tento me lembrar sempre disso agora: da importância do vagar mesmo, da importância de se dar esses tempos, de se dar esses espaços, de se dar esses respiros.

Eu vejo muito sofrimento na academia. Já vi muitos colegas muito sofridos, eu também sofri nesse processo de elaboração de dissertação, especialmente tese. E eu acho que a gente precisa olhar para isso.

Eu lembro que em uma das primeiras aulas que eu tive na pós-graduação, uma professora falou que era para a gente avisar para os nossos familiares e namorados ou cônjuges, enfim... que a partir daquele momento a gente não teria nem mais final de semana nem feriado, que eles não precisavam contar com a nossa presença, tipo isso.

E eu acreditei bastante nisso, e acho que muita gente acreditou e continua acreditando.



E eu acho que a gente não pode acreditar mais nisso porque isso custa muito para nossa vida, para as nossas relações, para nossa saúde.

Já passou da hora realmente de a gente, não deixando de lado o comprometimento, a presença nas nossas elaborações, nas nossas reflexões, que a gente possa também ter satisfação, ter ludicidade, que a gente possa experimentar mais, brincar mais. Que seja um processo realmente que a gente possa fazer com prazer.

Então é isso. Essa edição do Sensibilidades Antropológicas é para falar um pouco sobre o vagar, a ausência de assunto ou de vontade de falar alguma coisa específica, de um tema, trazer um questionamento, trazer uma questão, enfim. É uma espécie de descanso.

Um abraço.

Meu nome é Valéria de Paula Martins. Eu gosto de música, de

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



brincadeira. Gosto de gente. Gosto de água corrente, canto de passarinho, carta. Gosto de cantar com outras pessoas. Gosto do silêncio. Gosto do timbre de vozes velhas. Gosto de encontrar desenhos nas nuvens. Gosto das formas e desenhos que aparecem nas frutas quando elas são cortadas. Gosto de dançar.

vinheta de encerramento